



ípsilon

INDIELISBOA

■ TORNE-SE PERITO

“A colonização, em termos de imagens, foi uma ficção”

Ariel de Bigault, cineasta e divulgadora francesa, estreia no IndieLisboa *Fantasma do Império*, um documentário sobre o modo como o cinema português olhou para as (ex-)colónias nos últimos cem anos.

Jorge Mourinha · 28 de Agosto de 2020, 7:00



Angélo Torres (à esq.) é um dos actores que conduz as conversas com os cineastas DR

Ariel de Bigault é clara: “Não estou a fazer um filme de cateadráticos nem para cateadráticos.” O que esta documentarista francesa sempre quis com *Fantasma do Império* foi explorar “a maneira como o olhar português sobre as colónias foi mudando”. E o que ela viu ao longo de três anos de trabalho tem esta sexta-feira **estrea mundial no IndieLisboa** (Cinematca Portuguesa, 19h).

O documentário resulta de um interesse de longa data da cineasta parisiense pela lusofonia e pela miscigenação das culturas ocidental e africana, que Ariel, que fala fluentemente português, ajudou muito a divulgar em França através de reportagens, filmes, séries televisivas e edições de discos. *Fantasma do Império* sai do campo da música a que tradicionalmente associamos a sua autora e assume-se como uma obra que se destina a um público menos conhecedor da história do cinema.

A cineasta define-o como um filme que pretende levantar questões sobre temas que estão actualmente no centro das atenções do mundo – no caso, o modo como Portugal foi olhando através do cinema para os países (aqui maioritariamente africanos) que governou como “províncias ultramarinas”, sublinhando como “o colono português não é a mesma coisa que o colono francês ou o colono inglês”.

IPSILOIN CINEMA
IndieLisboa 2020: um festival físico, não digital, anuncia a sua programação
 Edição deste ano decorrerá de 25 de Agosto a 5 de Setembro, para proporcionar uma “experiência física e colectiva” dos f
 ● LER MAIS

No centro de *Fantasma do Império* está uma escolha de excertos de filmes – 65% das suas quase duas horas, diz ela –, que vão de jornais de actualidades e documentários de visitas de Estado a ficções como *Chaimite (1953)*, de **Jorge Brum do Canto**, ou *Tabu (2012)*, de **Miguel Gomes**, passando ainda por *Acto dos Feitos da Guiné (1980)*, de Fernando Matos Silva, *A Costa dos Murmúrios (2004)*, de Margarida Cardoso e *Catembe (1965)*, de **Manuel Faria de Almeida**.

Ecoss e encontros

Tratou-se, segundo a realizadora, de reconhecer “correspondências” entre os filmes, “ecos” que foi descobrindo entre obras tão diferentes como *Posto Avançado do Progresso (2015)*, de Hugo Vieira da Silva, e alguns dos jornais de actualidades mais antigos. “A minha ideia era ver a evolução do olhar ao longo de um século,” diz, “e vemos que [a visão crítica] se formou antes do 25 de Abril”, diz, chamando a atenção para *Catembe* ou *Deixem-me ao Menos Subir às Palmeiras (Lopes Barbosa, 1974)*, que são já filmes que enfrentam o sistema. Não por acaso, estes dois últimos foram interditados pelo regime salazarista.

● YOUTUBE

Director's Cut 2020 | Trailer | Fantasma Do I...
 À regarder ... Partager

FANTASMAS DO IMPÉRIO
 Ariel de Bigault

powered by embedly

A partir de filmes cujos excertos usou, a cineasta promoveu, nas instalações da Cinematca Portuguesa e do Arquivo Nacional das Imagens em Movimento, encontros que registou em câmara, sobretudo entre cineastas de gerações muito diferentes (Matos Silva, **João Botelho**, **Cardoso**, Faria de Almeida, Vieira da Silva ou Ivo Ferreira), em alguns casos “moderados” por dois actores africanos – o são-tomense Angélo Torres e o angolano Orlando Sérgio.

TENHA ACESSO INTEGRAL A TODAS AS VANTAGENS DE ASSINANTE

Assine já

“Essa era a base da minha proposta de realização, que estava já toda desenhada na primeira versão do projecto,” explica Ariel, esclarecendo que muitas vezes as próprias entrevistas eram rodadas “a quente”, à saída da projecção de um dos filmes de arquivo. “Eles tinham visto os filmes uns dos outros, mas quase todos, à excepção do Fernando [Matos Silva] e do [João] Botelho, só agora descobriram os filmes mais antigos. E muitos deles nunca tinham falado destas questões em diálogo com outros [cineastas].”

LER MAIS

- IndieLisboa 2020: um festival físico, não digital, anuncia a sua programação
- Competição nacional do IndieLisboa: todo o mundo que uma casa pode conter
- A vida a preto e branco em Lourenço Marques que a censura não deixou ver

IPSILOIN CINEMA
Competição nacional do IndieLisboa: todo o mundo que uma casa pode conter
 Cinco filmes escolhidos antes do vírus que pouco ou nada têm em comum a não ser um constante vai e vem entre o micr
 ● LER MAIS

Era, por isso, importante para a realizadora acrescentar “olhares diferentes”, o que ajuda a explicar a presença de Torres e Sérgio como “apresentadores” ou “condutores” destas conversas. Mas, Ariel de Bigault é peremptória: “Nunca poderia ter feito este filme só com as entrevistas. Tudo foi construído a partir dos filmes – quando fiz a pesquisa, fui desde logo estabelecendo uma pré-escolha.”

No centro, a sua convicção de que era preciso mostrar como a abordagem que o cinema nacional fez aos territórios que Portugal colonizou se foi alterando com o tempo. “É uma evolução sensível ao longo de todo o filme: mesmo na propaganda o discurso evoluiu muito na forma de filmar, na presença do negro. Não há um monolitismo do pensamento salazarista sobre a colonização, é mais complexo do que isso, e nessa complexidade é que se vai construir a ficção que é o não-racismo português e a convivência pacífica [entre colonizadores e colonizados]. A colonização, em termos de imagens, foi uma ficção.”

SUBSCREVA A NOSSA NEWSLETTER IPSILON
TODAS AS SEXTAS
 Toda a cultura que vale a pena consumir, com a curadoria de Vasco Câmara.

Email **Subscriber**

Tomei conhecimento que as newsletter editoriais poderão conter publicidade. OBRIGATORIO

Receba informações sobre ofertas, passatempos, campanhas especiais e eventos exclusivos do Público. SABER MAIS

DO QUE PRECISA DE SABER **CORONAVIRUS** **Receba as nossas notificações e seja o primeiro a saber.** **Descarregue a nossa app**

Na assinatura do Público não cabem só notícias. Cabem as suas férias

Neste Verão, assine o Público e mergulhe numa férias mais exclusivas com os nossos conteúdos e serviços só para assinantes. **Exclusivos Assinantes Público:** palavras cruzadas, Estante Público (e-books), reportagens especiais, clube P (descontos e experiências em hotéis, restaurantes e cultura)

APOIE O PÚBLICO

TOPICOS

INDIELISBOA | CULTURA-IPSILON | CINEMA | HISTÓRIA | ÁFRICA | CINEMA PORTUGUÊS | COLONIALISMO

■ TORNE-SE PERITO

COMENTAR

Sugerir correcção

MAIS INDIELISBOA

MAIS ARTIGOS

ÚLTIMAS | MAIS POPULARES

EM DESTAQUE

MAIS ARTIGOS

P SIGA-NOS

- Facebook
- Twitter
- Instagram
- LinkedIn
- YouTube
- RSS

ACTUALIDADE

- Política
- Sociedade
- Local
- Economia
- Mundo
- Cultura
- Desporto
- Ciência
- Tecnologia
- Opinião
- PGlobal
- Multimédia
- Podcasts

SECÇÕES

- P2
- Ipsilon
- Ímpar
- Fugas
- P3
- Cidades
- Ínimos Público

LAZER

- Cinecartaz
- Guia do Lazer
- Programação de TV

QUIOSQUE

- Aplicações
- Loja
- Iniciativas
- Novos Projectos

SERVIÇOS

- Imobiliário

SOBRE

- Ficha Técnica
- Estatuto Editorial
- Autores
- Contactos
- Público+
- Publicidade

ASSINATURAS

- Assinar
- Estante P
- Descontos para assinantes
- Edição impressa
- Clube P

EMAIL MARKETING POR **espa**

TENHA ACESSO A MAIS ARTIGOS GRÁTIS

Registe-se ou inicie sessão